

## DEBATE

MECANISMOS FUNCIONAIS DO USO DA LÍNGUA  
FUNÇÃO E FORMA

Anthony J. NARO (Universidade Federal do Rio de Janeiro)  
Sebastião Josué VOTRE (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

*ABSTRACT: Functionalist and generative linguistics seem to be concerned with the same sort of phenomena, but nonetheless have distinct, although not totally independent, objects of study. The functionalism we propose studies language use in its social context, while generativists study their own intuitions about language and linguistic regularities. The two schools use different criteria for analysis and generalization: functionalists analyze linguistic forms in accord with the functions they are used to perform; the generativist criteria are strictly formal. The schools also differ as to the causality relationship between function and form (grammar): functionalists view form as the dependent variable and function as the independent variable; generativists invert this relationship. Functionalists attempt to explain form by reference to extra linguistic factors; generativists remain within linguistic structure itself, attempting to create increasingly inclusive formal generalizations that they see as explaining lower level generalizations. We argue for the superiority of the functionalist position.*

Os pontos de vista que expressamos em nosso artigo 'Mecanismos Funcionais do Uso da Língua' (D.E.L.T.A 5:169-184) deram origem a uma discussão em números seguintes desta mesma revista a respeito da validade de algumas afirmativas que fizemos ou, pelo menos, parecíamos ter feito. Uma das questões principais é decidir se as duas abordagens que discutimos, o funcionalismo e o formalismo, são alternativas mutuamente excludentes, alternativas parcialmente independentes que estudam objetos diferentes (Nascimento, p. 88), ou alternativas que estudam o mesmo objeto de maneiras diferentes (Dillinger, 1991). De qualquer modo, a atitude predominante dos dois últimos trabalhos é extremamente conciliatória, com a tendência a valorizar as presumíveis contribuições de cada uma das linhas de investigação, consideradas de natureza complementar, enquanto a nossa atitude era de confronto, com argumentação explícita a favor da abordagem funcionalista, e contra a abordagem gerativa.

A primeira questão a decidir concerne ao objeto geral de estudo. Temos que admitir que todos, formalistas e funcionalistas, estão investigando a mesma coisa: língua. E mesmo descendo a níveis mais práticos, os fenômenos que interessam aos pesquisadores nas diferentes linhas parecem ser os mesmos. Prova disso é o fato de tanto nós como Nascimento trabalharmos com a forma VS em português. E nossas discussões não deixam de girar em torno das mesmas questões empíricas, e.g., o status de verbos transitivos em VS. Parece então que, pelo menos neste caso, as duas tendências, funcionalista e gerativista, estão estudando o mesmo objeto.

As aparências, entretanto, não são confiáveis, já que cada abordagem tem sua visão própria dos mesmos fenômenos. Para o funcionalista todos os mecanismos que têm a mesma função devem ser reunidos e analisados sob o mesmo prisma; já para o formalista o critério é estritamente formal, dependendo essencialmente, de um lado, do grau de formalização a que o pesquisador se propõe chegar e, de outro, até que ponto se sente obrigado a encaixar o fenômeno sob estudo na esfera dos 'universais' propostos pelos pesquisadores na base de outros dados. Assim, nós reunimos todas as ocorrências de VS em que o grau de topicalidade do sujeito é reduzido, mesmo que o verbo seja transitivo direto ou tenha algum outro complemento. Um exemplo é 'cem mil cruzeiros faturou a nossa barraca', utilizado pelo falante para corrigir um enunciado anterior em que ele tinha afirmado, erroneamente, 'a nossa barraca ... faturou uma faixa de dez mil cruzeiro'. Aqui o objeto direto anteposto 'cem mil cruzeiros' é ao mesmo tempo tópico e informação nova, e o sujeito posposto 'a nossa barraca' é pressuposto e não tópico. Nascimento, ao contrário, distingue vários tipos de VS, sendo que, conforme seus critérios formais, o tipo de VS que ele classifica como posposição do sujeito não pode ser admitido com verbos transitivos. Para ele, trata-se de outro fenômeno por razões formais; para nós trata-se do mesmo fenômeno por razões funcionais.

Ainda existe uma saída provisória para aqueles que defendem a idéia de que todos os linguistas estudam o mesmo objeto. Afinal, no caso referido acima os dois lados parecem aceitar a existência do mesmo conjunto de dados, embora os distribuam de maneira diferente. Não se pode negar a existência de VS com verbos transitivos; pode-se sim alegar que esses dados não interessam a uma determinada análise porque serão incluídos em outra análise (não sendo, portanto, objeto da primeira análise). E nesse caso teríamos apenas diferenças de análise, e não diferenças de objeto estudado.

Parece-nos, entretanto, que existem diferenças reais no objeto estudado. Na prática, funcionalistas estudam o uso da

língua NO discurso, enquanto gerativistas, tentando justamente escapar do uso e captar a competência, estudam intuições sobre a língua, em princípio fora de qualquer contexto extra-sentencial. Com o intuito de esclarecer algumas confusões já presentes no debate publicado queremos enfatizar, primeiro, que funcionalistas não estudam 'os processos utilizados pelos falantes na construção do discurso' (Nascimento, p.85). Não nos interessa, por exemplo, estudar os recursos de que o Ministro Funaro se valeu com tanta eficiência nos seus discursos quando do lançamento do Plano Cruzado, nem porque o discurso da Ministra Zélia na ocasião do lançamento do Plano Collor não obteve o mesmo sucesso. Evidentemente Funaro possuía um domínio do discurso efetivo que escapa a Zélia. Este tipo de estudo pertence ao campo da análise DO discurso. O funcionalista tem NO discurso sua fonte de dados, mas o estudo que ele se propõe fazer se preocupa principalmente com fenômenos que ocorrem ao nível da cláusula ou ao nível de combinação de cláusulas. Este último ponto é importante. A pesquisa funcionalista que propomos não privilegia as funções sobre a forma (Nascimento, p. 97); pelo contrário, ela tenta encontrar correlações entre função e forma. A hipótese central, em confronto direto com a orientação chomskyana (apud Nascimento, p. 89), é a de que a forma é a variável dependente, e as funções são as variáveis independentes. Ambas -- forma e função -- são igualmente relevantes para a construção da teoria funcionalista que propomos. Em segundo lugar, queremos enfatizar também que não concordamos com a aproximação que Nascimento faz (p. 93) entre nosso ponto de vista a respeito da natureza probabilística e indeterminística do uso da língua e a posição anti-behaviorista que Chomsky chama de 'creative aspect of language use' e atribui a Descartes. Segundo esta posição, o uso normal da língua é 'livre do controle de estímulos externos ou estados internos', sendo, portanto, 'indeterminado'. Entendemos que Chomsky defende o livre arbítrio do falante, quanto à elocução, enquanto nós defendemos a consolidação progressiva da estrutura linguística, derivada do discurso. Não discordamos de Chomsky quanto à posição 'cartesiana', mas achamos nossa afirmativa irrelevante ao assunto tratado por ele no trecho que Nascimento cita.

Os dados do funcionalista são buscados NO discurso; são, portanto, concretos e contextualizados. Permitem a verificação empírica, a contagem de frequências, a visão e o controle do contexto linguístico anterior e posterior, e a correlação com variáveis sócio-culturais e pragmáticas. Os dados gerativos, ao contrário, são idealizados e sem contexto.

Esta sanitização faz com que os dados do formalista percam uma das suas características mais fundamentais, ficando assim artificiais e sem nexos. Sendo apenas intuídos, não é possível verificá-los, nem contá-los, ou estudar seu contexto de ocorrência. Na verdade, tais noções sequer fazem sentido para o gerativista. A verificação empírica se dispensa porque se estudam intuições sobre o 'dialeto' do próprio linguísta que não podem ser questionadas, já que não temos acesso às intuições dos outros. Os gerativistas, de fato, costumam encarar com certo desdém contestações baseadas em 'meros' dados, distintos dos que propõem, sustentando que a análise questionada continua válida para o 'dialeto' de quem a fez. Freqüência é também uma noção que não é aplicada às intuições, embora devesse sê-lo, já que elas são realmente frágeis, fugidias e extremamente variáveis de um momento para outro. E o contexto é, em princípio, irrelevante para a abordagem abstrata, já que contexto existe apenas no uso real. Dissemos 'em princípio' porque na prática a maioria dos gerativistas acaba levando o contexto em conta, embora com construtos também imaginados e não verificáveis.

Outra questão a decidir é quanto à oposição entre competência e desempenho, herdada do estruturalismo e agora rebatizada de 'língua-I' (língua internalizada) e 'língua-E' (língua externalizada). Esta distinção perde todo e qualquer valor sob a hipótese funcionalista, já que segundo ela existe apenas 'língua', cujas propriedades derivam das circunstâncias de seu uso. Também não nos parece válido o posicionamento chomskyano segundo o qual o estudo do desempenho ('língua-E' para ele) seja não mentalista. Mesmo dentro da abordagem gerativista está previsto um componente de processamento para que o 'conhecimento lingüístico' se externalize. Se este componente não se localiza na mente (cérebro) onde é que se encontra? Até prova em contrário consideramos o funcionalismo tão mentalista quanto o gerativismo.

No fundo, tanto o funcionalista como o gerativista observam aspectos reais do comportamento humano: o funcionalista estuda o comportamento lingüístico observado, enquanto o gerativista estuda (sem querer) outro tipo de comportamento, i.e., o de refletir e raciocinar sobre a língua. Quando confrontado com alguma seqüência verbal fora do contexto de uso, o linguísta (transformado em 'falante' que não fala) se põe a refletir na tentativa de classificá-la como gramatical ou agramatical, eventualmente utilizando, conscientemente ou não, raciocínios do mesmo tipo que um observador atento poderia utilizar para produzir mais um elemento da seqüência [0,1,2,3,...] ou para compreender qualquer outra regularidade do mundo exterior.

Desconsiderando possíveis motivações ou explicações teóricas, o fato é que funcionalistas estudam a língua no seu contexto social de uso, enquanto gerativistas estudam intuições linguísticas, em princípio fora de qualquer contexto. Assim chegamos ao ponto, eminentemente prático, em que temos que concordar com Nascimento: as duas abordagens estudam objetos totalmente distintos. Entretanto, não somos da opinião de que estes objetos totalmente distintos sejam também totalmente independentes. De fato, duvidamos de que as intuições independam do uso natural, embora saibamos que dependem simultaneamente de outros fatores, tais como memória, número de repetições anteriores, discussões em grupo a respeito delas, importância do exemplo em pauta para provar a teoria em foco do linguista/falante, etc.

Com objetos e métodos diferentes será possível uma composição entre as partes, tendo em vista que estão tentando alcançar o mesmo objetivo, que é compreender a 'língua'? Evidentemente, tanto Nascimento como Dillinger esperam que sim. Nós estamos muito mais cépticos a esse respeito, especialmente tendo em vista o nível pouco esclarecedor do gerativismo atual e levando em conta a imensa quantidade de recursos intelectuais e materiais gastos nas pesquisas gerativas durante os mais de trinta anos decorridos desde 1957 (data da publicação de *Syntactic Structures*). Entretanto, queremos lembrar que em nosso artigo (pp. 170-171, 176) nós nos declaramos explicitamente funcionalistas moderados. Parece-nos óbvio que nem toda a estrutura linguística do português (ou de qualquer outra língua) tem hoje motivação funcional (ou até uma motivação de outro tipo, externa à própria língua). Admitimos a existência de estruturação estéril, meramente formal, sem utilidade comunicativa e sem motivação no estado sincrônico da língua. Talvez nessa área não funcional possamos esperar algum progresso do lado formalista. Entretanto, para a parte não congelada da língua, acreditamos que na abordagem funcional, ou em outras linhas de pesquisa centradas no contexto pragmático de uso, é que há esperança de progresso no sentido de alcançarmos um entendimento melhor do fenômeno 'língua' (sem 'I', nem 'E'). A título de ilustração, convidamos o leitor a considerar as duas análises de VS em português e daí tirar suas próprias conclusões. Por fim, oferecemos uma observação de caráter mais geral: enquanto o gerativista só pode intuir o que é gramaticalizado, i. é., fossilizado, no sentido de ser regular e categórico, é o funcionalista que tem a oportunidade de surpreender as formas da língua em seu nascedouro, no discurso.

(Recebido em 22-02-91)

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DILLINGER, M. (1991) " Forma e função na lingüística". D.E.L.T.A., 7, 1:395-407.

NARO, A. J. & S. J. VOTRE (1989) " Mecanismos funcionais do uso da língua". D.E.L.T.A., 5, 2:169-184.

NAÇAMENTO, M. do (1990) " Teoria gramatical e "mecanismos funcionais do uso da língua". D.E.L.T.A., 6, 1:83-98.